



VEREDAS

Revista de Estudos Linguísticos

Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFJF



Entrevista-debate: características de uma atividade interacional híbrida *

Roberta Fernandes Pacheco**

Resumo: Este trabalho objetiva analisar os elementos constitutivos de uma *entrevista-debate*, que a caracterizam como uma atividade híbrida interacional. O trabalho é ancorado nos estudos que circundam o *tipo de atividade* (SARANGI, 2000; EMMERTSEN, 2007; EKSTRÖM e LUNDELL, 2009) e utiliza as contribuições da Análise da Conversa como ferramenta de análise e construto teórico. Adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada em um estudo de caso. A análise do *corpus*, composto por três edições do programa *Roda Viva*, evidenciou que os padrões pergunta-resposta e apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista atuam concomitantemente na interação, formatando-a como uma atividade interacional híbrida.

Palavras-chave: Tipo de atividade; Hibridismo interacional; Sequencialidade; Disputa.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de analisar os elementos constitutivos de uma entrevista televisiva, que a caracterizam como uma atividade híbrida interacional, denominada aqui como uma *entrevista-debate*. Utilizo como *corpus* três edições do programa *Roda Viva*, que se apresenta como um programa de entrevistas, em que diversos temas são abordados e discutidos pelos participantes que compõem a mesa em cada uma de suas edições.

Adoto o termo *entrevista-debate* proposto por Emmertsen (2007) para definir uma atividade híbrida que possui características mistas de duas atividades interacionalmente pré-definidas: a entrevista e o debate. Adoto também o conceito de *hibridismo interacional* proposto por Sarangi (2000), para categorizar a sobreposição que ocorre entre tipo de atividade e tipo de discurso, considerando-se que um tipo de atividade pode ser constituído por diversos tipos de discurso.

1. O hibridismo de atividade

Sarangi postula que o tipo de atividade é um conceito que “tem proporcionado um esquema analítico de referência” (SARANGI, 2000, p.1) para os estudos da análise do discurso. Com ênfase nos domínios institucional/ profissional do uso da linguagem, o autor

* Este artigo é um recorte aprofundado de minha Tese de Doutorado, defendida em 2013, como referenciado na bibliografia deste estudo.

** Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. E-mail: robertafepacheco@gmail.com.

argumenta que, além do tipo de atividade, há também que se observar o tipo de discurso na definição do contexto situacional, considerando-se que pode haver uma sobreposição dessas noções em alguns contextos:

Enquanto o tipo de atividade é um meio de caracterizar contextos [...], o tipo de discurso é um meio de caracterizar as formas de fala [...]. A sobreposição entre tipo de atividade e tipo de discurso é mais aparente quando lidamos com aconselhamentos e terapias, porque ambos constituem um tipo de atividade e uma forma de discurso. Em outras palavras, o que consideramos como fala de aconselhamento ou terapêutica pode ocorrer em diversos tipos de atividades e, similarmente, sessões de terapia e aconselhamento lidam com diferentes tipos de discurso (recomendações, contar problemas). (SARANGI, 2000, p.2)

Como forma de caracterizar essa sobreposição entre tipo de atividade e tipo de discurso, no nível interacional das definições contextuais, Sarangi (2000) propõe o conceito de *hibridismo interacional*. O autor sugere que os participantes e os analistas precisam estar sensíveis a essa noção que funciona como um mecanismo de entendimento de como certos tipos de discurso são sobrepostos dentro e através dos tipos de atividade. Ressalta ainda que essa conceptualização não é uma indicação de falha no enquadre do tipo de atividade. Pelo contrário, funciona como um reconhecimento de oposição a uma categorização idealizada do tipo de atividade (SARANGI, 2000, p.23).

A conceptualização de hibridismo interacional na definição do contexto possibilita caracterizar o tipo de atividade de forma mais ampla e condizente com o que ocorre de fato nos dados desse artigo. O programa Roda Viva se apresenta como “um dos mais importantes programas de entrevista da televisão brasileira”¹, porém suas interações não apresentam apenas traços de uma entrevista, pelo menos não em seu formato tradicional. Como aponta Schegloff (1989), uma entrevista se caracteriza por possuir uma estrutura tradicional de pergunta-resposta, em que um participante se orienta para a pergunta e o outro para a resposta:

O componente mais fundamental do que é considerado uma “entrevista” é o fato de uma parte perguntar e a outra parte responder. Não é que isso seja empiricamente estabelecido. Mas uma ocasião é progressivamente e metodicamente constituída e “realizada” como uma entrevista por, entre outras coisas, uma orientação de que os participantes devem: um fazer perguntas e outro respondê-las. (SCHEGLOFF, 1989, p. 218)

Sendo assim, para realizar uma entrevista não basta rotulá-la como tal e sim conduzi-la através do padrão interacional pergunta-resposta durante o curso da atividade. Nos dados, esse padrão interacional não se sustenta ao longo do encontro, exatamente pelo fato dos participantes não o conduzirem dessa forma, estando também presente o padrão interacional característico do formato de debate: *apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista*, como veremos mais adiante.

O hibridismo de atividade também é discutido na literatura sobre as *Entrevistas de Notícias*, definidas por Ekström e Lundell (2009) como:

¹ Esta citação pode ser encontrada na descrição do programa presente no site da TV Cultura, responsável por sua transmissão: <http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva>.

atividades de interação institucionalizadas em que os participantes são orientados para dois papéis discursivos distribuídos assimetricamente; o papel de perguntar do jornalista e o papel de responder do entrevistado. Nas entrevistas de notícias, os jornalistas fazem perguntas em nome da instituição que eles representam. As atividades são de uma forma ou de outra orientadas para a meta geral de fazer notícia. No entanto, uma análise mais detalhada descobrirá um número de diferentes atividades de entrevista nas produções de notícia. (EKSTRÖM e LUNDELL, 2009, p.5)

Esse “número de diferentes atividades de entrevista” é conceituado pelos autores como “formatos de fala” (p.10) que enquadra aspectos estruturais do formato da entrevista. A quantidade de participantes, por exemplo, é um dos pontos característico do formato de “fazer um debate” (p.12), em que as perguntas do entrevistador são “construídas de tal forma que os entrevistados são convidados a formular pontos de vista indicando discordância. As questões são usadas como técnicas para polarizar e criar confrontação.” (EKSTRÖM e LUNDELL, 2009, p.12).

Muito similar a esse formato de entrevista é o termo *entrevista-debate* usado por Emmertsen (2007) em sua análise das perguntas desafiadoras em painéis de entrevistas britânicos. A autora caracteriza a entrevista-debate pela “ocorrência de sequências de agravamento e não mitigadas de confronto entre os entrevistados” (p.570) e que tal confronto é realizado como um “resultado da polarização do entrevistador das posições dos entrevistados através do uso de perguntas desafiadoras e hostis” (p.570). Emmertsen argumenta que a entrevista inicia no formato de painel, em que o entrevistador realiza uma pergunta a cada entrevistado, e estes respondem em seus turnos. Porém, tal sistema de turnos não se mantém no curso da interação, sendo alterado para um sistema de tomada-de-turno, em que pontos de vista contrários vão surgindo no discurso. Seguindo a abordagem da Análise da Conversa, a autora sugere então que:

o tipo de entrevista de painel investigado [neste artigo] não pode ser adequadamente descrito por um único sistema de tomada-de-turno, mas sim por dois sistemas de tomada-de-turno que são normativamente invocados nos diferentes estágios da interação. O termo entrevista-debate se refere à organização da interação investigada que incorpora tanto a fala de confronto como a fala de entrevista de notícia. (EMMERTSEN, 2007, p.576)

Nota-se na citação acima que o termo entrevista-debate é fruto do desenvolvimento de uma atividade considerada híbrida, que apresenta tanto características de um painel de entrevista de notícia, como também aspectos de “fala de confronto”, característico de um debate. A autora discute que a troca entre os sistemas de tomadas-de-turno - se o entrevistado se autosseleciona ou se é selecionado pelo entrevistador - ocorre principalmente devido à posição do entrevistador na condução das perguntas aos entrevistados. As perguntas desafiadoras geralmente incorporam uma crítica aos pontos de vista dos entrevistados, criando uma disputa e uma situação de hostilidade “que não é localmente ocasionada, mas uma parte padrão da interação. Hostilidade e confronto são meramente a forma ou o jogo da interação” (p.588).

A metáfora do jogo interacional ganha destaque na discussão de Lauerbach (2004) sobre as entrevistas políticas - com personagens da esfera política - como uma atividade

híbrida com função de entretenimento: “politainment” (p.353). A autora defende que as entrevistas políticas são “jogos cooperativos” (p.390) entre os participantes, que na superfície parecem jogos desiguais, em que uma parte ganha e a outra perde. Contudo, sob essa superfície, esses jogos são cooperativos e “é jogado de acordo com as regras pelas quais tópicos de interesse são trazidos na forma de perguntas por uma parte, que recebe respostas de variados graus de despreferência² pela outra parte” (LAUERBACH, 2004, p.390).

Esses tópicos de interesse seriam aqueles conceituados pela autora, em um estudo posterior, de “tópicos controversos” (LAUERBACH, 2006, p.200), isto é, temas que por serem considerados problemáticos pelos participantes no âmbito da esfera pública dão margem a pontos de vista contrários no curso da entrevista. Esses tópicos são identificáveis na entrevista por serem marcados pela relação entre a evasão dos entrevistados, através de estratégias defensivas, e a insistência do entrevistador, ambas as atitudes realizadas em complexas estruturas de pergunta e resposta.

2. Orientação teórico-metodológica

Esse estudo utiliza os preceitos da Análise da Conversa, não só como ferramenta de transcrição de dados, como também nos conceitos teóricos de sequencialidade e de sistema de trocas de turnos conversacionais (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974), estendido a outros tipos de fala-em-interação “formal ou não espontâneo” (DURANTI, 1997, p.257), como as entrevistas e debates.

Hutchby (1996, 2001, 2011) argumenta que, nas situações de disputa - seja na fala espontânea ou na institucional -, é central considerar o que o autor denomina de sequência de *ação-oposição*, que seria a principal unidade sequencial em um argumento, na qual as ações que podem ser construídas como contestáveis se apresentam de forma oposta ao turno anterior. O autor define essa sequência de turnos como um processo em que “a elocução de um falante é tratada como uma *ação* contestável a qual se opõe o interlocutor; o movimento de *oposição* é tratado como a *ação* da próxima sentença” (HUTCHBY, 2011, p.351).

Essa sequência de ação-oposição se reflete no padrão interacional *apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista*, que caracteriza o aspecto híbrido das entrevistas que compõem esse *corpus*. Outro padrão interacional é formado pelo par pergunta-resposta, que, tradicionalmente, compõe a sequencialidade de uma entrevista. Esses padrões interacionais são os pares adjacentes, definidos como “uma sequência de duas elocuições próximas (adjacentes) uma da outra e produzidas por dois falantes diferentes” (SCHEGLOFF e SACKS [1973] 1984, p.74). Os pares adjacentes projetam ações específicas em resposta a um turno anterior: uma pergunta, por exemplo, projeta em resposta uma resposta; um pedido, uma aceitação ou recusa; uma saudação, outra saudação, e assim por diante.

A organização dos pares adjacentes é “um arcabouço de conduta recíproca, em que ação e interpretação estão inextricavelmente entrelaçadas” (GOODWIN e HERITAGE, 1990, p.288). Cada participante analisa o curso de desenvolvimento das ações um do outro a fim de produzir uma ação recíproca adequada. Os pares adjacentes formam uma sequência mínima de conversa e são mecanismos importantes para o estabelecimento da “intersubjetividade, isto

² A autora se baseia nos preceitos da Análise da Conversa em suas conceptualizações, além de considerar outras vertentes linguísticas como a “linguística funcional sistêmica, a análise do discurso e a pragmática” (LAUERBACH, 2004, p.353).

é, o entendimento mútuo e a coordenação em torno de uma atividade comum” (DURANTI, 1997, p. 255).

Esse artigo é baseado em um estudo de caso e adota uma abordagem qualitativa interpretativista dos dados, sendo o *corpus* composto por três edições do programa de entrevista *Roda Viva* com o então: (1) Ministro da Educação Paulo Renato Souza, do governo do Fernando Henrique Cardoso, em janeiro de 2000; (2) Ministro da Saúde José Gomes Temporão, do governo Lula, em julho de 2007 e (3) ex-Ministro da Casa Civil do governo Lula, José Dirceu, em novembro de 2010, um dia após a eleição de Dilma Rousseff. Essas edições foram selecionadas por abrangerem um amplo cenário da política brasileira e terem como convidados personalidades políticas relevantes à época de cada entrevista.

O programa em questão se caracteriza por trazer a cada semana um entrevistado relevante ao cenário político, social e econômico brasileiro. A cada edição, o convidado se senta no centro da “roda” e é questionado por jornalistas ou especialistas da área de atuação do convidado. Em média, sete participantes atuam em cada edição: o apresentador, os entrevistadores e o entrevistado. O programa tem duração média de 1h30 e é transmitido ao vivo pela Tv Cultura e pelas redes sociais.

3. Análise

Analiso, nesta seção, quatro elementos constitutivos do aspecto híbrido que caracteriza a entrevista-debate: (i) a sequencialidade do par pergunta-resposta; (ii) o formato da pergunta; (iii) o ponto de vista dos entrevistadores e (iv) os tópicos controversos e o desafio.

3.1. O par pergunta-resposta: a sequencialidade

Diversas perguntas realizadas no programa *Roda Viva* são de natureza desafiadora, ou seja, buscam polemizar temas ou pontos de vista dos entrevistados e entrevistadores. Contudo, há também perguntas que possuem a meta de buscar informação, a qual se pressupõe que seja parte do território informacional do entrevistado, isto é, parte de sua especialidade profissional em relação ao cargo que ocupa ou ocupava. Para diferenciar as perguntas que são do território informacional daquelas que são de natureza desafiadora se faz necessário observar a sequencialidade dos turnos em seus pares pergunta-resposta na interação, o que torna possível analisar o contexto em que a pergunta é realizada e a avaliação que o entrevistado faz desta pergunta em seu turno de resposta.

A seguir, apresento um exemplo de perguntas que possuem a meta interacional de obter informação. O excerto é destacado da entrevista com o Ministro³ da Saúde José Gomes Temporão que é inquirido pela jornalista Laura Greenhalgh. Neste trecho da entrevista, está em pauta a discussão sobre o plebiscito que permitiria debater a legalização do aborto ou a sua descriminalização. A jornalista, então, nas linhas 199 e 204, realiza duas perguntas sobre este tema ao Ministro na sequência dos turnos:

³ Como mencionado na seção anterior, os termos “Ministro” e “ex-Ministro” são empregados em referência à relação ministerial dos entrevistados na época em que ocorreu a entrevista. Desta forma, José Gomes Temporão e Paulo Renato Souza são Ministros da Saúde e da Educação, respectivamente, enquanto José Dirceu é ex-Ministro da Casa Civil.

Excerto (1)⁴

199 → Laura o senhor acha que a classe médica vai aderir a este debate?
 200 → Ministro olha! (0,5) a sociedade de especialistas e as entidades que
 201 representam os médicos, se posicionaram apoiando a minha
 202 → proposta. isso não quer dizer que necessariamente os 320 mil
 203 médicos brasileiros tenham na sua maioria essa posição=
 204 → Laura =o senhor está recebendo manifestações?
 205 Ministro eu recebi manifestações de dezenas de entidades, inclusive de
 206 mulheres da ordem dos advogados do brasil (0,2) todo o
 207 conjunto de movimentos feministas, muitas entidades- fora
 208 Brasília no meio da semana passada, que foi entregue ao
 209 presidente da república, de apoio.

Os dois turnos da entrevistadora são compostos por apenas perguntas, não havendo sustentação nem fundamentação a essas perguntas em seus turnos⁵. A fundamentação da pergunta decorre da própria sequencialidade da interação, visto que o turno anterior ao primeiro turno da jornalista é um turno de resposta do Ministro, no qual defende a necessidade de um debate na sociedade brasileira sobre a questão do aborto. A pergunta *o senhor acha que a classe médica vai aderir a este debate?* (l. 199) vem exatamente buscar informação do entrevistado sobre a opinião da classe médica sobre o assunto, entidade esta à qual o entrevistado também é associado no papel de médico sanitário. O Ministro responde à pergunta e transmite a informação de que sua decisão de levar à frente a discussão sobre o aborto é apoiada pelas entidades médicas: *a sociedade de especialistas e as entidades que representam os médicos se posicionaram apoiando a minha proposta* (l. 200-202). Esta informação gera uma nova pergunta de teor também informacional: *o senhor está recebendo manifestações?* (l. 204). Com essa pergunta, a entrevistadora quer confirmar a informação dada e obter um maior esclarecimento sobre o ponto de vista das entidades médicas, isto é, de que forma factual esse ponto de vista é dado. O entrevistado, então, apresenta em seu turno de resposta as entidades que se manifestaram a favor de sua proposta, indicando assim sua avaliação da pergunta como uma busca por informação específica das suas funções.

No exemplo a seguir há outra sequência da entrevista com o Ministro da Saúde, ainda na discussão do tema da legalização/descriminalização do aborto. Nessa sequência, constam duas perguntas cujas bases proposicionais possuem um teor desafiador para o entrevistado. Ao contrário do exemplo anterior, a primeira pergunta do entrevistador Reinaldo Azevedo é precedida por uma sustentação que é centrada no ponto de vista do entrevistador, através da utilização de dois fatos: a fala do entrevistado em um momento anterior da entrevista e em uma comparação com uma questão ambiental. Vejamos a sequência:

Excerto (2)

166 → Reinaldo ministro. eu sou contra a ampliação do direito ao aborto,
 167 Azevedo >eu acho que já deu para perceber<, e vou usar o senhor a favor
 168 → da minha causa. quando o senhor diz que a questão deve ser
 169 centrada na educação, quando o senhor conta como é o sistema de
 170 recebimento de camisinhas, de preservativos e de pílula
 171 → anticoncepcional, eu cheguei à conclusão que .hh de fato, há um
 172 → problema fundamental de gestão >que se resolvida com o tempo<,
 173 a questão do aborto talvez não se coloque.e acho isso (0,2)

⁴ As transcrições dos dados foram realizadas a partir das contribuições da Análise da Conversa (SACKS et al.) na fonte courier new 09, conforme prática da área, cujas convenções encontram-se em anexo.

⁵ Aqui *sustentação* é considerada a partir da teorização da argumentação de Schiffrin (1987), em que o interagente se utiliza de diferentes movimentos argumentativos (VIEIRA, 2003) como testemunhos, dados, fatos, argumentos de autoridades, etc. (BARLETTA, 2014) para sustentar suas posições na disputa.

174 → eu vou usar a sua entrevista a meu favor.
 175 → mas eu queria colocar uma outra coisa.
 176 → o que há de errado ↑ nesse raciocínio >que parece meio jocoso<
 177 → mas eu juro que é muito sério.
 178 → se eu der de cara com um ninho de tartarugas e resolver fazer
 179 → um omelete, eu não faria isso por nojo e porque eu acho que
 180 → não é pra comer tartaruga.
 181 → mas eu seria preso, crime inafiançável, crime ambiental.
 182 → os caixas às vezes têm esse problema (0,2)
 183 → outro dia um sujeito foi preso porque matou um minhocaçu
 184 → o senhor não acha que os fetos brasileiros têm direito a pelo
 185 → menos a mesma lei que tem as tartarugas?
 186 → Ministro eu acho que as mulheres brasileiras que estão vivas merecem o
 187 → direito à vida=
 188 → Reinaldo =e os fetos não?
 189 → Ministro eu defendo a vida. eu tenho quatro filhos.
 190 → sou de formação católica. sempre defendi e sempre vou continuar
 191 → defendendo (0,2) eu não posso fechar os olhos para a realidade
 192 → que eu expus aqui.

O entrevistador Reinaldo Azevedo inicia seu turno com a apresentação de um ponto de vista: *eu sou contra a ampliação do direito ao aborto* (l. 166). A esse ponto de vista, o jornalista apresenta duas sustentações. Na primeira, entre as linhas 168 a 174, ele utiliza a fala do entrevistado sobre a questão do aborto estar associada a questões educacionais, para concluir que *há um problema fundamental de gestão* (l. 171-172) no governo. Esses dois pontos de vista (l. 166 e 171-172) já trazem um aspecto desafiador no turno da pergunta, antes mesmo da pergunta propriamente dita, pois se opõem diretamente ao ponto de vista do Ministro na defesa do debate popular na questão do aborto e ao papel do Ministro como representante do governo, o qual é apresentado com dificuldades em contornar problemas de gestão.

A segunda sustentação é fundamentada na comparação entre o feto e os filhotes de tartaruga, no que tange à proteção legal (l. 178- 181). Na teoria do entrevistador, se um filhote de tartaruga está sujeito a leis rigorosas de preservação à vida, por que o feto brasileiro não pode ter o mesmo rigor de proteção à sua vida que tem um animal, como as tartarugas? (cf. l. 184-185). Essa sustentação e a pergunta realizada na sequência cobram um posicionamento do Ministro da Saúde sobre o direito à vida, como se a vida de um filhote de tartaruga fosse mais importante que a vida de um ser humano. A pergunta, então, é extremamente desafiadora ao entrevistado porque o coloca em uma posição em que qualquer resposta, seja afirmativa ou negativa, ameaçará seu ponto de vista defendido e levantará novas perguntas desafiadoras e novos pontos de vista opostos no curso da interação. Esta situação é reconhecida pelo entrevistado que escolhe responder de forma evasiva: *eu acho que as mulheres brasileiras que estão vivas merecem o direito à vida* (l. 186-187), evitando uma resposta direta à pergunta, que é centrada na proteção do feto. O Ministro direciona a questão da proteção da vida às mulheres e não aos fetos. Esta resposta evasiva gera uma nova pergunta em uma fala contígua a do entrevistado: *e os fetos não?* (l.188), obtendo a resposta *eu defendo a vida* (l. 189), que não é necessariamente centrada no feto, o alvo da pergunta. Na verdade, esta resposta não deixa claro se o entrevistado considera o feto como uma vida ou se novamente ele se refere às mulheres brasileiras.

A segunda pergunta na sequência do excerto (2) *e os fetos não?* (l.188) é reintroduzida pelo entrevistador em uma estratégia direta de questionamento e desafio ao ponto de vista do entrevistado. Note como o turno da primeira pergunta é muito maior que o da segunda e estrategicamente fundamentado com dois fatos que deixam o entrevistado em uma situação de difícil saída, de difícil resposta. A formulação da pergunta *e os fetos não?* (l.188) vem em

contrapartida à evasão na resposta do entrevistado, o que exige do entrevistador uma cobrança de ponto de vista mais incisiva. Essa estratégia direta na formulação da pergunta é apresentada por Allwinn (1991, p. 182) como um recurso “escolhido por falantes legitimados para insistir em uma pergunta, quando são confrontados com interlocutores pouco dispostos a cooperar” (VIEIRA, 2002, p. 2). Esta estratégia gera um confronto de pontos de vista na sequência que vem corroborar a interpretação da ocorrência de uma atividade híbrida nos dados.

A sequência apresentada no excerto (2), se comparada à sequência do excerto (1), não apresenta qualquer aspecto informacional na realização de suas perguntas, isto é, não há uma busca por obter alguma informação do entrevistado. Aqui, a meta interacional busca a disputa pelo ponto de vista entre entrevistador e entrevistado. Na realização de sua pergunta, o entrevistador quer deixar claro o seu ponto de vista contra a ampliação do direito ao aborto, confrontando o entrevistado que possui um ponto de vista diferente daquele que é defendido pelo entrevistador. Para o Ministro, é necessário levantar a discussão sobre o tema em âmbito não só social, mas também político. Esse confronto de pontos de vista marca a sequência do excerto (2) que é composta por perguntas estritamente desafiadoras.

Desta forma então, observa-se que há perguntas que são formuladas com o foco na informação, enquanto há outras que possuem um teor desafiador para o entrevistado. No entanto, há perguntas que possuem esses dois aspectos presentes de forma conjunta em sua formulação, isto é, ao mesmo tempo em que buscam a coleta de informação, apresentam também um teor de avaliação crítica, seja favorável ou não, embutida ao ponto de vista defendido.

Esse formato de pergunta, que é categorizado aqui de mista, possui diversas ocorrências no corpus de dados. Vejamos o excerto abaixo, entressacado da entrevista com o ex-Ministro da Casa Civil, José Dirceu:

Excerto (3)

01 Marília boa noite! no centro do roda viva de hoje claro a eleição de
 02 Gabriela dilma rousseff à presidência da república. .hh
 03 primeira mulher eleita para governar o país, ela teve mais de
 04 cinquenta e cinco milhões de votos e será nossa presidente
 05 pelos próximos quatro anos .hh trouxemos esta noite ao programa
 06 um de seus grandes eleitores (0.2)
 07 o ex ministro da casa civil de lula jose dirceu .hh
 08 ele participou da campanha de dilma agindo nos bastidores sem
 09 aparecer muito, mas fazendo mui::to barulho quando aparecia
 ((jósé dirceu levanta as sobrançelas))
 10 dirceu continua sendo uma grande influência no pt e está aqui
 11 para analisar a vitória pra falar do futuro e pra dizer qual
 12 será seu ↑ papel no governo dilma (0.2)
 ((apresentação dos entrevistadores))
 21 pra começar. ahn:: muito obrigada pela presença ze dirceu vou
 22 → fazer um social rápido ANtes de chegar, a ao ao que importa
 23 → (0.5) você não ta prejudicado com essa entrevista hoje? não ta
 24 → de ressaca? comemorou [em]
 25 Dirceu [hhh]
 26 → Marília brasília °ontem° ou não?
 27 Dirceu não. >não to de ressaca<. comemorei, como
 28 milhões de brasileiros=
 29 Marília =não não. to perguntando daquela comemoração particular lá em
 30 [brasília]
 31 Dirceu [não,não]não comemorei em particular.[eu-]
 32 → Marília [mas] você foi a brasília?
 33 Dirceu fui a brasi::lia. (0.2) acompanhei a votação durante o di::a
 34 depois fui (0.2) ao comite:: participei:: vi a ministra, agora
 35 nossa presidente eleita fazer seu pronunciamen::to. depois
 36 (0.5)comi alguma coisa em um restaurante e fui, >que eu tinha

- 24 Ministro é isso que eu quero, isso que eu quero.
 25 que ela faça mais pesquisa pra beneficiar a população, que
 26 ela faça mais, e:: que tenha mais alunos, que ela não pode
 27 ter uma relação aluno professor de oito alunos pra::
 28 um professor. isso é um absurdo! não existe em nenhum lugar
 29 do mundo nem nas universidades de pesquisa melhores do
 30 mundo. nós temos que exigir que a universidade pública
 31 receba alunos de transferência no segundo terceiro quarto
 32 ano, porque não recebe. isso- eu fui reitor, eu sei que nós
 33 temos uma resistência brutal dentro da universidade. nós
 34 temos que conseguir que:: se há vaga sobrando- eu cansei
 35 de formar turma na universidade com oito, dez alunos. o
 36 fernando sabe disso, quantos alunos, quantas turmas dentro
 37 da universidade têm só dez alunos? (0,2) isso é que nós temos
 38 que exigir. mais eficácia, mais produtividade.
- 39 → Monica mas quando o senhor diz isso, quando se diz isso a respeito
 40 da universidade, a gente não corre o risco de esquecer
 41 a contribuição que a universidade pública deu ao país e tem
 42 → dado? ou o senhor [acha que não deu?]
- 43 Ministro [não, não se esquece] não é? isso não
 44 se esquece porque não há dúvida que toda pesquisa no nosso
 45 país é feita dentro da universidade. eu fui reitor da
 46 unicamp eu sei do que eu estou falando (0,2)

No turno inicial da entrevistadora Mônica Teixeira, duas perguntas são realizadas buscando informação sobre o que é considerado produtividade dentro da universidade pública. A resposta do entrevistado no turno seguinte é direta à pergunta, iniciando uma justificativa, em dois turnos, do motivo pelo o qual a universidade pública deve ser cobrada em termos produtivos. Essa resposta gera, em uma fala sobreposta, a pergunta: *mas é essa a resistência que o senhor enfrenta?* (l. 23). Essa pergunta, além de solicitar a informação sobre o tipo de resistência que a universidade pública impõe ao governo, apresenta também uma solicitação de avaliação sobre essa resistência. A pergunta é iniciada por uma estrutura de desacordo – *mas* – que desafia o Ministro a avaliar o tipo de resistência universitária, por isso que, além de informacional, a pergunta também se apresenta como desafiadora, sendo um tipo mista de pergunta.

O entrevistado não a responde diretamente, permanecendo em sua justificativa sobre a cobrança de produtividade da universidade, criticando-a em diversos pontos, inclusive na quantidade de alunos por sala de aula. Essa resposta evasiva vem novamente mudar o foco das próximas perguntas, que em um aspecto desafiador, sugerem uma avaliação negativa à crítica apontada pelo Ministro: *mas quando o senhor diz isso, quando se diz isso a respeito da universidade, a gente não corre o risco de esquecer a contribuição que a universidade pública deu ao país e tem dado? ou o senhor acha que não deu?* (l. 39-42). A primeira pergunta dessa sequência - que também se inicia por uma estrutura de desacordo - ainda apresenta um aspecto informacional, enquanto a segunda é puramente desafiadora, pois coloca o entrevistado como alguém que não reconhece a importância da universidade pública, e este “alguém” sendo o Ministro da Educação é um posicionamento extremamente desafiador.

No exemplo (4) fica muito claro como as perguntas dos entrevistadores são reformuladas a partir das respostas do entrevistado, em um processo sequencial da interação. É através dessa sequencialidade entre os pares pergunta-resposta que a entrevista vai sendo construída na atividade, em que aspectos de uma disputa de pontos de vista perpassam o formato tradicional de pergunta-resposta que compõe uma entrevista. Os tipos de pergunta, que caracterizo aqui em *Informacional*, *Desafiadora* e *Mista*, encontradas nos dados ratificam essa análise, assim como a frequência em seus usos, como é apresentado na seção seguinte.

3.2. O formato da pergunta

No levantamento percentual do corpus⁶ foi encontrado um total de 412 perguntas realizadas pelos entrevistadores⁷ em seus turnos de fala. Deste total, 14.5 % são perguntas do tipo informacional (I), 27.6% são perguntas definidas como desafiadoras (D) e 57.9% são perguntas mistas (M). O quadro abaixo apresenta essa porcentagem em números, divididos por cada edição do programa analisado. A sigla PRS se refere à entrevista com o Ministro Paulo Renato Souza, a sigla JGT se refere à entrevista com o Ministro José Gomes Temporão e JD faz referência à entrevista com o ex-Ministro José Dirceu.

Quadro 1: Mapeamento dos formatos da pergunta por edição.

FORMATO DA PERGUNTA	PRS	JGT	JD	TOTAL
Pergunta Informacional (I)	16	9	35	60
Pergunta Desafiadora (D)	31	7	72	110
Pergunta Mista (M)	60	59	123	242
Total de perguntas	107	75	230	412

Com o mapeamento apresentado no quadro acima, é possível destacar um dado fundamental na análise deste tipo de atividade: a quantidade muito superior de perguntas do tipo M em comparação aos outros tipos de perguntas. Repare que nas três entrevistas, a frequência do tipo M é maior que o somatório das ocorrências do tipo D e do tipo I, ou seja, as perguntas que desafiam o entrevistado e o levam a defender pontos de vista a partir de assuntos que buscam extrair informação de seu campo profissional são as mais usadas pelos entrevistadores. Com esse resultado é possível afirmar que os entrevistadores dos dados usam recorrentemente as perguntas do tipo M como uma estratégia interacional da entrevista que lhes permite apresentar e cobrar pontos de vista, ao mesmo tempo em que se obtém informação.

Enquanto o padrão de ocorrência das perguntas do tipo M permanece igual nas três entrevistas, as perguntas do tipo D e do tipo I apresentam um diferencial em suas ocorrências. Nas entrevistas com o Ministro Paulo Renato e o ex-Ministro José Dirceu as perguntas do tipo D aparecem com uma frequência superior às perguntas do tipo I, inclusive, no caso do ex-Ministro chega ao dobro de ocorrência, mantendo assim o padrão entre as duas. A entrevista com o Ministro José Gomes Temporão é a que apresenta a quebra de padrão na frequência entre as perguntas do tipo D e do tipo I, porque além do baixo resultado no somatório entre os dois tipos, o tipo D ainda aparece com uma frequência inferior em relação ao tipo I: o tipo D possui 7 ocorrências e o tipo I possui 9, 2 a mais que a anterior.

O padrão diferenciado na entrevista com o Ministro José Gomes Temporão pode ser justificado pela alta frequência no aparecimento de questões do tipo M: 59 perguntas de um total de 75, o que equivale a um percentual de 77.4 % das perguntas de toda a entrevista. Esse

⁶ Cabe mencionar que o levantamento percentual apresentado nesta seção é apenas uma ferramenta que auxilia a análise qualitativa interpretativista a que se propõe a abordagem metodológica desse estudo.

⁷ Considero nesta conta todas as perguntas - ainda que repetidas - proferidas pelos entrevistadores em seus turnos de fala, direcionadas ao entrevistado. Cabe ressaltar ainda que a categorização dos formatos de pergunta é proveniente de uma análise detalhada da sequencialidade da interação em que ela é proferida.

resultado sugere que a grande maioria das perguntas formuladas buscam o aspecto desafiador e o informacional em conjunto e não em separado, isto é, sempre que há um desafio embutido na pergunta realizada, há também um pedido de informação. As poucas ocorrências desses aspectos em separado se justificam, principalmente, devido ao estilo do entrevistador. No caso das perguntas do tipo I, por exemplo, das 9 formuladas, 7 são proferidas pela jornalista Laura Greenhalgh; já nas perguntas do tipo D, das 7 realizadas, 5 pertencem ao turno do jornalista Reinaldo Azevedo. Isso significa que ao olhar o todo dessa entrevista, as perguntas caracterizadas com um único aspecto – desafiador ou informacional – possuem ocorrências pontuais e provenientes basicamente de uma única fonte, não sendo, portanto, a principal escolha estratégica dos entrevistadores.

Outro ponto relevante na análise do formato da pergunta é a sua frequência de uso por blocos em cada edição analisada. Essa quantificação por bloco é relevante a essa análise porque permite observar que não há um padrão pré-determinado para a ocorrência de cada tipo de pergunta. Vejamos nos quadros abaixo:

Quadro 2: Perguntas do tipo Informacional (I)

I	PRS	JGT	JD
1º BLOCO	2	3	8
2º BLOCO	4	3	9
3º BLOCO	10	2	14
4º BLOCO	----- ⁸	1	4

Quadro 3: Perguntas do tipo Desafiadora (D)

D	PRS	JGT	JD
1º BLOCO	7	1	23
2º BLOCO	11	3	30
3º BLOCO	13	3	16
4º BLOCO	-----	0	3

Quadro 4: Perguntas do tipo Mista (M)

M	PRS	JGT	JD
1º BLOCO	20	20	35
2º BLOCO	17	18	59
3º BLOCO	23	13	23
4º BLOCO	-----	8	6

Os quadros acima demonstram que os tipos de pergunta em cada bloco por edição ocorrem em diversos momentos do programa, não sendo possível, por exemplo, afirmar que as perguntas do tipo I em sua maioria iniciam a entrevista e nem que as perguntas do tipo D predominantemente finalizam a entrevista. Esse resultado vem de encontro à ideia de um contínuo na construção da entrevista como atividade, em que as perguntas do tipo I iniciariam

⁸ A entrevista com o Ministro Paulo Renato Souza possui apenas três blocos.

o programa, ressaltando o aspecto tradicional da busca de informações da entrevista, para em seguida desenvolver o desafio a partir das informações coletadas, isto é, desenvolvendo o debate. Dessa forma, o termo entrevista-debate não funcionaria em conjunto, de forma concomitante, e sim como uma linha contínua que vai de um polo ao outro, da informação à disputa. Essa ideia de contínuo não se concretiza no *corpus*, principalmente ao olhar em direção às perguntas do tipo M que representam o aspecto híbrido da pergunta. Nas entrevistas, o tipo M tem sua ocorrência predominante em blocos diferentes. Na entrevista com o Ministro Paulo Renato a frequência maior de uso do tipo M é no 3º bloco, enquanto na entrevista com José Dirceu o 2º bloco é o predominante. Já na entrevista com José Gomes Temporão, a maior frequência do tipo M é no 1º bloco, o que significa que a entrevista se inicia já no formato híbrido das perguntas, em que os aspectos informacional e desafiador atuam unidos nas perguntas direcionadas ao entrevistado.

Esses resultados de frequência no uso dos tipos de perguntas em cada edição do programa em estudo representam um ponto importante na definição dessa atividade de entrevista como híbrida. Com esses resultados, é possível afirmar que os entrevistadores dos dados buscam, através de suas perguntas, aliar o pedido de informação à defesa de pontos de vista, muitas vezes contrários ao do entrevistado. Ao questionar o entrevistado, com ambos os aspectos, desafiador e informacional, atuando concomitantemente no conteúdo de sua pergunta, o entrevistador dita o tipo de entrevista que realizará: uma entrevista em que a disputa pelos pontos de vista defendidos emerge no curso da interação.

3.3. Turnos sem perguntas: o ponto de vista dos entrevistadores

Em diversos momentos das entrevistas, o turno do entrevistador é composto apenas por pontos de vista que marcam a disputa de opiniões no curso da interação. No excerto a seguir, o entrevistador Marcos Antônio defende em seus turnos, intercalados com os turnos do Ministro Paulo Renato Souza, pontos de vista sobre o tema do desemprego entre os jovens brasileiros:

Excerto (5)

171	Ministro	o ensino médio precisa aprender a ensinar a pessoa
172		aprender o resto da vida e além disso tem que ter outras
173		oportunidades pra continuar aprendendo
174	→ Marcos	Tá. eu concordo plenamente, é difícil discordar disso.
175		a gente tem que estudar a vida inteira e é bom que
176	→	[a gente possa]
177	→ Ministro	[mas no passado] não era necessário.
178	→ Marcos	não era. mas eu conheço- qualquer cidadão conhece pessoas que
179		estudaram a vida inteira e não têm emprego e jovens que estão
180		estudando e olham pra frente e veem sete vírgula cinco por
181	→	cento de taxa de desemprego. não dá pra dizer apenas que o
182		mundo passa por uma mesma crise, o brasil é o nosso país e a
183		gente tem que encontrar soluções pro nosso país e eu não tô
184		vendo. e:: esse discurso parece que não é o suficiente pra
185		dizer que daqui a cinco anos vamos ser=
186	→ Ministro	=é uma condição necessária mas não suficiente. é preciso que a
187	→	economia cresça.
188	→ Marcos	Sim. mas no mesmo governo. certo que de fato tá fazendo uma
189		revolução no ensino fundamental e se propõe a fazer uma
190		revolução no ensino médio é que cria a maior taxa de desemprego
191	→	da [história desse país é o mesmo governo]
192	Ministro	[não.não é o governo que cria essa taxa] de desemprego.
193		nós temos- o governo- o país enfrentou uma situação de crise

194 internacional, não é? da qual se saiu muito melhor do que se
 195 → esperava eu lembro que no começo do ano passado, quando se
 196 falava das perspectivas para o ano de noventa e nove, se dizia
 197 que ia se chegar ao final do ano com uma queda na produção de
 198 mais de dez por cento, essas eram análises que não eram tão
 199 pessimistas e que ia se chegar com uma taxa de desemprego de
 200 vinte por cento. não aconteceu isso não é? fomos capazes de
 201 enfrentar a crise manter a estabilidade, tivemos
 202 → [um ano difícil]
 203 Marcos [não aconteceu a] catástrofe
 204 Ministro não aconteceu a catástrofe
 205 Marcos mas a situação é grave
 206 Ministro sim, mas mas nós vivemos no mundo que passou uma crise, nós
 207 fomos objetos de um ataque especulativo na nossa moeda, nós nos
 208 → defendemos e saímos muito melhor do que se esperava.

No exemplo acima, o jornalista Marcos Antônio profere cinco turnos em uma sequência em que não há nenhuma pergunta realizada, o que não impede o entrevistado de interpretar esses turnos como questionamentos que buscam uma resposta.

O entrevistador inicia seu turno na linha 174 concordando com o ponto de vista do entrevistado de que o ensino médio precisa ensinar para a vida e dar oportunidades ao jovem de continuar aprendendo. Em uma fala sobreposta, o Ministro intervém no turno do jornalista para destacar que no “passado” não era necessário que o ensino médio possuísse outras funções sociais que as de repassar conhecimento focado no conteúdo das distintas disciplinas de seu currículo. O jornalista novamente concorda com o ponto de vista do Ministro, mas apresenta um argumento que contesta a inserção de jovens estudantes no mercado de trabalho, que seria uma das metas do ensino médio atual: *mas eu conheço, qualquer cidadão conhece pessoas que estudaram a vida inteira e não têm emprego e jovens que estão estudando e olham pra frente e veem sete virgula cinco por cento de taxa de desemprego* (l. 178-181). Esse argumento que carrega uma avaliação negativa ao governo encontra um ponto de vista do entrevistado em forma de justificativa: *É preciso que a economia cresça*. (l. 186-187).

O jornalista, contudo, segue em sua crítica à política do governo iniciada em seu turno anterior, destacando que um *governo que de fato tá fazendo uma revolução no ensino fundamental e se propõe a fazer uma revolução no ensino médio é [quem] cria a maior taxa de desemprego da história desse país* (l. 188-191). Ao atribuir responsabilidade direta ao governo pelo avanço do desemprego, Marcos Antônio ameaça a posição do Ministro como representante desse governo e o leva a contestar esse argumento de responsabilidade. Para o Ministro, não é o governo quem cria essa taxa de desemprego; ela é fruto da crise internacional em que o mundo está imerso (l. 193-194). O Ministro, nessa tentativa de defender seu ponto de vista, apresenta um dado que favorece o governo, pois segue a teoria de que poderia ainda ser pior: *eu lembro que no começo do ano passado, quando se falava das perspectivas para o ano de noventa e nove se dizia que ia se chegar ao final do ano com uma () taxa de desemprego de vinte por cento não aconteceu isso, não é? fomos capazes de enfrentar a crise, manter a estabilidade, tivemos um ano difícil* (l. 195-202). Ambos, por último, concordam que a situação do país é grave, mas segundo o Ministro, o país *se defendeu e saiu muito melhor do que se esperava* (l. 208), em um argumento de defesa favorável ao governo.

É interessante observar como essa disposição dos turnos entre pontos de vista defendidos cria uma situação em que parece haver um bate-papo entre dois profissionais que

atuam na área da Educação⁹. Mas em uma análise do teor desses pontos de vista defendidos, verificamos que seguem uma linha argumentativa oposta, na qual o entrevistador desafia o ponto de vista do entrevistado obrigando-o a tomar uma postura de defesa a ameaças iminentes.

3.4. Os tópicos controversos e o desafio

Segundo Lauerbach (2004, 2006), os tópicos controversos possibilitam a defesa de pontos de vista contrários entre os participantes da entrevista, uma vez que são temas considerados problemáticos aos papéis que ocupam os entrevistados na esfera pública.

Diversos temas são tratados nas entrevistas do corpus e todos eles podem ser considerados polêmicos. Temas como a utilização de células-tronco, combate à dengue, esquemas de corrupção, gratuidade da universidade pública e desemprego questionam a política do governo, enquadrando o entrevistado como seu representante e alvo, portanto, das possíveis críticas a esse governo.

Um exemplo de um tópico controverso que gera perguntas e pontos de vista de natureza desafiadores na interação pode ser observado no excerto a seguir, retirado da entrevista com o Ministro José Gomes Temporão. No excerto abaixo está em pauta o debate sobre a descriminalização/ legalização do aborto. Participam da sequência, além do Ministro, os jornalistas Demétrio Weber e Reinaldo Azevedo:

Excerto (6)

- 230 → Demétrio quais são os argumentos que o senhor traz além da questão da
 231 Weber saúde pública, para se permitir que o estado faça o aborto, não
 232 só nos casos que hoje são legalizados?
 233 → Ministro eu acho que o primeiro ponto é uma evidência que choca (0,2)
 234 apesar do aborto ser um crime, ele é praticado um milhão e cem
 235 mil vezes por ano por mulheres brasileiras. significa o quê?
 236 que a legislação não dá conta da realidade. nós temos uma
 237 realidade que transcende o que a lei estabeleceu não é? (0,2)
 238 acho que esta é uma questão fundamental. quer dizer, como
 239 trata situações individuais que se colocam de uma
 240 gravidez indesejada (0,2) a gente pode discutir aqui,
 241 sobre questões que possam levar a uma gravidez indesejada.
 242 e essa mulher muitas vezes sozinha, eventualmente,
 243 com uma sensação de culpa importante, submete-se a
 244 um procedimento que pode levar à morte (0,2)
 245 na semana passada morreu uma jovem de trinta e dois anos em
 246 belém, submetida a um abortamento clandestino. esse final
 247 → de semana no rio de janeiro o jornal publicou uma matéria
 248 dizendo que medicamento abortivo proibido no brasil é vendido
 249 em camelôs no centro da cidade do rio de janeiro.
 250 → o que é isso?
 251 → Reinaldo falta de governo ministro.
 252 Ministro >não não< é a realidade batendo a nossa porta no nosso
 253 rosto. então, essa é a questão que eu quero discutir. e quero
 254 que a sociedade escute. agora a decisão compete ao congresso de
 255 um lado, e o congresso reflete as diversas posições e
 256 tendências que estão expressas na sociedade (0,2) ou o
 257 congresso vai decidir por uma consulta popular.
 258 → Reinaldo mas então o senhor é favorável à descriminalização?

⁹ Cabe ressaltar que o jornalista Marcos Antônio, na época da entrevista, atuava na direção da revista *Educação* e era coordenador de um curso universitário.

259 → Ministro sou favorável à discussão.

A pergunta do entrevistador Demétrio Weber no primeiro turno da sequência requer do entrevistado argumentos que apoiem a proposta de legalização do aborto, além dos casos em que esse processo já é permitido. A pergunta é direcionada ao Ministro como representante do governo, uma vez que estendendo a permissão ao aborto torna o Estado fornecedor desse serviço à população, o que sem dúvida é um procedimento que além da área médica envolve também uma política pública de governo. Essa pergunta então solicita informações sobre argumentos que possam facilitar a decisão popular sobre a questão do aborto, sendo uma pergunta de cunho informacional e não desafiador. O entrevistado reconhece o pedido de informação e responde à pergunta, apresentando argumentos em seu turno de resposta.

Entre as linhas 247 e 250 do turno de resposta do entrevistado, é apresentada uma evidência como um dos argumentos que permitiriam levar adiante a discussão sobre a legalização do aborto: o fato de ser vendido um medicamento abortivo proibido no centro da cidade do Rio de Janeiro. No fim de seu turno, o Ministro realiza a pergunta *o que é isso?* (l.250) que pode ser considerada retórica, pois não requer de fato uma resposta. Funciona como uma estratégia argumentativa de defesa de seu ponto de vista, pois demonstra que o acesso à prática do aborto é de amplo conhecimento e que apesar de ilegal, esse procedimento é realizado frequentemente.

A pergunta do entrevistado, contudo, perde o caráter retórico porque encontra resposta do entrevistador Reinaldo Azevedo na linha 251: *falta de governo ministro*. Esse turno é extremamente desafiador ao entrevistado porque contesta os argumentos oferecidos, apresentando um quadro de incompetência de gestão de governo. Esse quadro é negado pelo entrevistado que segue na defesa de seu ponto de vista em discutir a questão do aborto na sociedade.

A partir da linha de defesa criada pelo Ministro, em seus dois turnos de resposta, uma nova pergunta é realizada: *mas então o senhor é favorável à descriminalização?* (l. 258). Essa pergunta de aspecto desafiador ao entrevistado não é respondida de forma direta, isto é, encontra uma resposta evasiva do Ministro na linha 258: *sou favorável à discussão*. É interessante observar que os três turnos dos entrevistadores, dois de perguntas e um de ponto de vista, atendem a metas interacionais distintas na interação. Enquanto o primeiro turno busca obter informação através de uma pergunta, os outros dois apresentam um teor desafiador à posição do entrevistado: seja em forma de posicionamento – *falta de governo ministro* – seja em forma de pergunta – *o senhor é favorável à descriminalização?*.

Consequentemente, as respostas do entrevistado geralmente acompanham a meta proposta nos turnos do entrevistador. Quando a pergunta é de cunho desafiador tende a encontrar uma resposta evasiva no turno seguinte e quando possui um caráter informacional tende a ser respondida de forma direta, sem rodeios.

As perguntas desafiadoras tendem a obter respostas evasivas, que surgem como uma estratégia de desvio de questionamentos, considerados desafiadores às posições assumidas pelo entrevistado na interação. Como ressalta Bavelas et. al (2008), algumas respostas quando executadas de forma direta à pergunta realizada podem trazer sérios prejuízos a quem as responde. Dessa forma, aquele que responde escolhe fazê-lo inadequadamente, isto é, de forma evasiva, para evitar assim, em sua avaliação, um dano maior à sua posição na interação se a respondesse satisfatoriamente, ou seja, de forma direta ao questionamento.

Os tópicos controversos, então, criam o cenário possivelmente conflituoso que permite a disputa de pontos de vista entre entrevistadores e entrevistados, fortalecendo o caráter híbrido da atividade.

Considerações finais

A partir do objetivo proposto de analisar os elementos constitutivos de uma atividade considerada híbrida interacional, esse artigo evidenciou que essa atividade se apresenta em um formato híbrido, em que dois padrões interacionais atuam concomitantemente na interação: os pares de pergunta-resposta são intercalados com as sequências de apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista.

Nos estudos realizados no campo das entrevistas de notícias (HERITAGE, 1985; EMMERTSEN, 2007; EKSTRÖM e LUNDELL, 2009; CLAYMAN, 2010), o hibridismo de atividade é identificado em *painéis de entrevistas*, em que dois ou mais entrevistados disputam seus pontos de vista mediados por um entrevistador, que se utiliza de perguntas desafiadoras para fazer com que as ideias entre os entrevistados se contraponham, permanecendo o entrevistador como o mediador, e não como alguém que disputa tais ideias. No *corpus* de análise, os entrevistadores participam da disputa de pontos de vista. São eles quem contrapõe as ideias e questionam o entrevistado, valendo-se da assimetria de papéis – entrevistador/ entrevistado – para atingir a meta interacional proposta.

As perguntas realizadas pelos entrevistadores tendem a ser desafiadoras e instigadoras da discussão em andamento: o número de perguntas do tipo desafiadoras e do tipo mistas equivale a quase 90% do total de perguntas. Logo, é possível concluir que perguntas que apenas requerem informação, seguindo o formato tradicional de uma entrevista que possui a meta da coleta de informações, são escassas nos dados, não sendo a meta interacional da atividade.

Um ponto de análise relevante para a caracterização híbrida dessa atividade é o fato da não existência de uma estrutura previsível em sua organização, isto é, a entrevista não se inicia no formato pergunta-resposta para chegar ao debate. A atividade já se inicia no formato híbrido, em que perguntas tendem a ser desafiadoras e respostas tendem a ocupar turnos de defesa de ponto de vista. Essa ausência de uma estrutura fixa é um ponto diferencial na análise de dados, pois os estudos das atividades híbridas nas entrevistas de notícias, geralmente, apresentam uma ordem fixa desses dois padrões interacionais, em que as trocas de informações precedem o debate, que é desenvolvido ao longo do encontro.

Por fim, outro ponto interessante a ser destacado na análise sequencial da interação é o fato da resposta do entrevistado acompanhar a meta interacional da pergunta. Quando a pergunta é de teor desafiador, encontra uma resposta evasiva no turno seguinte e quando possui um caráter informacional é respondida de forma direta pelo entrevistado. Essas respostas evasivas surgem como uma estratégia de desvio de questionamentos, considerados pelo entrevistado como desafiadores à posição assumida, seja em termos de pontos de vista ou em relação ao seu papel como representante do governo ou de partidos políticos ligados ao governo. Essa estratégia de fuga de perguntas sobre temas polêmicos fortalece a disputa de pontos de vista no decorrer da entrevista, fortalecendo o caráter híbrido da atividade.

Debate-interview: characteristics of a hybrid interaction activity

Abstract: This paper aims to analyze the constituent elements of a debate-interview, which characterize it as an interactive hybrid activity. This paper is anchored in the studies that surround the *type of activity* (SARANGI, 2000; EMMERTSEN, 2007; EKSTRÖM and LUNDELL, 2009) and uses the contributions of the Conversation Analysis as an analysis tool and theoretical construct. It adopts a qualitative and interpretative approach, based on a case study. The analysis of the corpus, composed of three editions of the *Roda Viva* program, showed that the standards of question-answer and point of view-challenge from the point of view act concomitantly in the interaction, by formatting it as a hybrid interactive activity.

Keywords: Activity type; Interactional hybridity; Sequentiality; Dispute.

Referências

ALLWINN, S. Seeking information: contextual influences on question formulation. *Journal of language and social psychology*. v.10, n.3, p.169-183, 1991.

BARLETTA, P. *Movimentos argumentativos em audiências de conciliação no PROCON*. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

CLAYMAN, S. Address terms in the service of other actions: The case of news interview talk. *Discourse & Communication*, 4(2), p. 161-183, 2010.

COUPER-KULEN, E.; SELTING, M. (Eds). *Studies in Interactional Linguistics*. London: J. Benjamins Publishing, 2001.

DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

EKSTRÖM, M.; LUNDELL, A. The News Interview: Diversity and hybridity in the communicative activities of broadcast news. In.: 19TH NORDIC CONFERENCE FOR MEDIA AND COMMUNICATION RESEARCH, Karlstad, Agosto, 2009.

EMMERTSEN, S. Interviewers' challenging questions in British debate interviews. *Journal of Pragmatics* 39, p.570–591, 2007.

GOODWIN, C.; HERITAGE, J. Conversation Analysis. *Annual Reviews of Anthropology*, 19, p.283-307, 1990.

HERITAGE, J. Analyzing news interviews: Aspects of the production of talk for an overhearing audience. In.: T. VAN DIJK (ed.) Handbook of discourse analysis. *Discourse and Dialogue*. Vol. 3 London: Academic Press, p. 95-117, 1985.

HUTCHBY, I. *Confrontation Talk: Arguments, Asymmetries and Power on Talk Radio*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1996.

HUTCHBY, I. ‘Oh, Irony and Sequential Ambiguity in Arguments’. *Discourse and Society*, 12. p. 147–165, 2001.

HUTCHBY, I. Non-neutrality and argument in the hybrid political interview. *Discourse Studies*, 13(3), p. 349-365, 2011.

LAUERBACH, G. Political interviews as hybrid genre. *Text 24 (3)*, p. 353 – 397, 2004.

LAUERBACH, G. Discourse representation in political interviews: The construction of identities and relations through voicing and ventriloquizing. *Journal of Pragmatics*, 38, p. 196–215, 2006.

PACHECO, R. *A construção/negociação de papéis e posições em uma atividade híbrida de entrevista-debate*. 139fl. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G.. A Simplest Systematic for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, 50 (4), p. 696 - 735, 1974.

SARANGI, S. Activity types, discourse types and interactional hybridity: the case of genetic counseling. In.: SARANGI, S.; COULTHARD, M. (eds.). *Discourse and Social Life*. London, Pearson, p.1-27, 2000.

SCHEGLOFF, E. From interview to confrontation: observations of the bush/rather encounter. *Research on Language and Social Interaction*, vol 22, p. 215-240, 1989.

SCHEGLOFF, E.; SACKS, H. Opening Up Closings. In.: BAUGH, J; SHERZER, J (eds.). *Language in Use: Readings in Sociolinguistics*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, p. 69-99, [1973] 1984.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 13-21.

VIEIRA, A. A formulação de perguntas em entrevistas televisivas. In: V CONGRESSO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES, Ouro Preto, 2002.

VIEIRA, A. *Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: uma abordagem discursivo-interacional*. Disponível em:
<<http://www.ufjf.br/cliotedel/files/2009/10/COD03004.pdf>> Acesso em: 02 abr. 2018.

Anexos

Convenções de Transcrição (Atkinson e Heritage, 1984; Schiffrin, 1987 e Tannen, 1989):

- | | |
|-------|--|
| (0.5) | pausa em décimos de segundo, medida relativamente ao ritmo prosódico do segmento no qual se encontra inserida. |
| . | entonação descendente ou final de elocução. |
| ? | entonação ascendente. |
| , | entonação de continuidade. |

-	parada súbita.
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas.
<u>palavra</u>	ênfase (parte da sílaba e/ou palavra).
MAIÚSCULA	ênfase mais forte ou fala em voz alta.
!	tom animado, não necessariamente exclamativo.
>palavra<	fala mais rápida.
<palavra>	fala mais lenta.
: ou ::	alongamentos.
[início de sobreposição de falas.
]	final de sobreposição de falas.
[[colchetes duplos no início do turno simultâneo.
↑	subida de entonação (mudança de entonação).
↓	descida de entonação (mudança de entonação).
hh	aspiração (em parêntesis quando no meio de palavra).
.hh	inspiração (em parêntesis quando no meio de palavra).
hhh	riso (em parêntesis quando no meio de palavra).
→	linha em destaque na análise

Data de envio: 18/05/2018
Data de aceite: 21/01/2019